

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

“Nenhuma mulher com botão do pânico foi assassinada”

Afirmção é da juíza Hermínia Azoury sobre o uso do dispositivo em Vitória, que tem afastado agressores das ex-companheiras

Tais de Hollanda

Na luta contra o fim da violência doméstica, uma proteção: das mulheres que têm posse do botão do pânico, nenhuma foi assassinada.

A conquista foi revelada pela coordenadora de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Estado (TJ-ES), a juíza Hermínia Maria Silveira Azoury.

Ela contou que no cenário de agressão contra as mulheres, um dos fatores que mais pesam é a reincidência do crime, ou seja, quando o agressor, seja ele ex ou atual companheiro, agride uma vez e volta a agredir.

E o botão do pânico, mecanismo atualmente só utilizado na capital do Espírito Santo, inibiu tal prática, inclusive de feminicídio.

“Quando a mulher é beneficiada com o botão do pânico, o agressor não sabe. Mas, ao longo do tempo, se ele desrespeita a medida protetiva, se aproxima da vítima e acaba descobrindo o botão, nunca mais volta. Essa é a experiência que tivemos”.

A juíza contou que já houve vários casos em que o agressor se reaproximou da vítima, seja fazendo ameaças ou para agressões físicas, e acabou sendo preso em flagrante.

“Ele é levado a juízo em flagrante e preso, pois a patrulha que atende a mulher é muito rápida em ir até o local após acionamento do botão. E tem contra ele ainda o som ambiente que é captado assim que o botão é acionado, que registra tudo o que ele venha a falar”, explicou a magistrada.

Ela destacou que atualmente Vila Velha e Serra, na Grande Vitória, são os municípios com o maior ín-



KADIDJA FERNANDES — 24/02/2015

JUIZA HERMÍNIA explicou que quando agressores sabem que a mulher tem o botão do pânico, muitos evitam crime

dice de violência.

“Por muito tempo foram Vitória e Vila Velha, mas com o dispositivo, a capital passou a reduzir os casos e até os números de feminicídio têm caído”.

A juíza afirmou que a divulgação da Lei Maria da Penha tem contribuição fundamental nessa luta contra a agressão e os assassinatos.



BOTÃO DO PÂNICO: proteção

Neste ano, a lei completa 10 anos.

“Mas ainda temos que avançar muito, principal no interior. A informação sobre agressão circula pouco e os homens ainda são muito dominadores. Já vi um caso de

“A informação sobre agressão circula pouco e os homens ainda são muito dominadores”

Hermínia Maria Silveira Azoury, juíza

um pai que tirou o filho da escola para trabalhar no campo, a mãe reclamar e apanhar pela reclamação”.

EXPANSÃO

A magistrada garantiu que, ao longo do próximo ano, a expansão do uso do botão do pânico no Estado será pauta de debate.

“Nós temos ainda muitas mulheres em outras cidades que necessitam. Principalmente no interior, em que a cultura de ser dono da mulher ainda é muito forte”, finalizou a juíza.

REGISTROS DE CRIMES CONTRA MULHERES



SEGUNDO DADOS da Secretaria de Estado da Segurança Pública, houve queda de feminicídios no Estado, entre os meses de janeiro e novembro.

Em 2015 **127 FEMINICÍDIOS**

Em 2016 **93 FEMINICÍDIOS**

Estupros são o maior desafio da polícia

Nas agressões cometidas entre quatro paredes contra mulheres, uma ainda é um desafio maior para a polícia.

São os estupros, segundo afirmou a coordenadora de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Estado (TJ-ES), juíza Hermínia Maria Silveira Azoury.

A juíza destacou que, em média, de 30 mulheres que solicitam me-

didias protetivas todos os dias contra homens violentos, 12 também sofrem com a violência sexual.

“É um crime que infelizmente acontece muito entre quatro paredes, com pessoas íntimas”, destacou a juíza.

A magistrada afirmou que muitas das vítimas relatam que mantêm o sexo com o parceiro por conta do medo de perder o provedor do lar. Há também casos em

que a violência sexual é seguida da física.

“Há situações de mulheres estupro e depois agredidas. É triste, mas isso não é regra”, afirmou a juíza, que ainda destacou que, mesmo a vítima sendo casada, se o sexo não for consensual, trata-se de um estupro.

Com tristeza, a juíza afirma que esse tipo de crime reforça o ciclo vicioso da violência doméstica, em

que uma das raízes do problema é a sensação de domínio que o agressor tem sobre a vítima.

“É uma relação de propriedade, de ser dono, proprietário da vítima. Muitos dos estupros são dentro do lar. Esses homens acham que a mulher é material deles e que elas têm de obedecer a suas vontades. É fundamental que o homem também passe por tratamento”.

Cursos para ensinar profissão a mulheres

Além do botão do pânico como proteção para as vítimas, apesar de estar restrito ainda a algumas mulheres moradoras de Vitória, uma outra ação que o Poder Judiciário tem investido para que a vítima de agressão domiciliar reconstrua a sua vida é em cursos profissionalizantes.

A juíza Hermínia Maria Silveira Azoury, coordenadora de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Estado (TJ-ES), destacou que foi firmada uma parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) para ofertar cursos para essas mulheres.

“A dependência financeira faz com que as mulheres se calem, também porque existe uma agressão psicológica feita com a vítima. Algumas largam o emprego a mando do marido e, no geral, essas mulheres não costumam ver solução para o futuro delas. E é nesse ponto que queremos trabalhar”, destacou a juíza.

DIÁLOGOS

Ela explicou que após o recesso Judiciário, que se encerra no próximo dia 6, os diálogos com o Sebrae sobre os cursos vai se intensificar e serão decididos números de vagas e locais onde os cursos poderão ser organizados.

“No momento das audiências de apresentação, de início do processo em que as mulheres vão decidir se dão continuidade ao processo contra o agressor é que vamos indicar o curso. Serão oportunidades gratuitas para empoderar essas mulheres. Muitas não têm qualificação profissional”.

A magistrada contou um exemplo de superação. “A mulher era a provedora da casa, mas o marido queria controlar o horário dela. Deveria voltar para casa na hora que ele quisesse, e sabemos que num comércio não funciona assim. Ela fechou o comércio, mas chegou a denunciá-lo e conseguiu até o botão do pânico. Certa vez, quando ele se aproximou dela em seu comércio fazendo ameaças, foi preso em flagrante. Depois de solto, nunca mais voltou”.



AGRESSÃO MASCULINA: combate